

# COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 6

## Parte Litteraria

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS

PAGINA SEXTA

**Almeida Garrett****A' J. T. Pires Vilella.**

O homem é o oriente do Creador e da creatura; na vida semelhante as plantas, nos sentidos igual aos animaes, no entendimento companheiro dos anjos quasi um segundo Deus.

PADRE ANTONIO DE SA.

A historia da humanidade tem éventos bem lindos e narrações bem agradaveis: éventos que nos recordão um passado de vividas e langues rozas e mais das vezes extintas e murchas pelo noto, narrações suaves, e melancolicas como essas aureas ficções deslizando-se na grenha das florestas, que nos arrancando do estreito circulo d'essa argila material elevão-nos ás vaporosas regiões do idealismo, aonde fulvas nuvens divagão em ceos purpurinos, e aonde alvores vagos, frouxos brilhantes, despontam como atalaia; éventos prodigiosos ante os quaes estacão-se as faculdades da intellectualidade, que altonitas procurão revolvendo os colossæs tropheos e as seculares ruinas d'esse gigantesco preterito, encontrar a chave d'esses enigmaticos acaecimentos, e narrações tão estupendas que fazem o espirito esboroar-se por despenhadeiros infinitos ou em adejos sublimados esvoaçar até ao indefinito; uns e outros valentes pedestaes predestinados a perdurar atravez dos ven-

davaes para estampar na mente das gerações novas o bello e o sublime das civilisações preteritas, o horror e o ápice da corrupção dos reinos d'outr'ora; por isso é que o presente pára ante as ruinas e encostado á seu bordão de peregrino examina os restos architectonicos da arte, investiga essas camadas sedentarias e olhando para esses verdes-negros ciprestes, que o septentrião rumorejando açoita e frange seus debeis troncos, para esses arbustos que rebentão por entre os pilares d'uma velha mesquita ou por entre os arcos ponteados d'un castello gothicó; leva indistinctamente a dextra aos olhos e enxuga essa lagrima, que desliza-se serena e triste; por isso que o futuro ergue pouco a pouco seus véos e deixando entrever as delicias d'un goso sem êmulo, e prazeres sem iguaes encanta-nos com ficções risonhas e com esperanças ternas como as acucénas dos valles e bellas como cheirosas violetas, e se o preterito se nos revela em ruinas, em éventos e narrações, se no presente antecipa-se os viçosos louros e os anademas áuri-fulgentes — é sem duvida porque a humanidade progride — é porque o futuro não será sieção ou sombra phantastica; porém realidade.

D'esta asserção convençerão-se muitos e Garrett foi um d'elles.

O velho Portugal — cujos louros murchos são documentos d'essas façanhas gigantescas — teve o seu seculo de glorias: Houve um tempo em que o mundo serviu-lhe de livro, em cujas paginas escreveu-se sua historia, houve um tempo de valor e brios, onde o arneç dos Albuquerques luzia como phanal que guia ao náuta, que em curvo lenho sulca salgados campos, houve tempo de gloriosas reminiscencias, em que tomou-se Ceuta, Tanger e Arzila, em que descubriu-se o reino de Congo, abriu-se a estrada da India, dobrou-se o cabo da Boa-Esperança e descubriu-se o Brazil; porém Portugal — que fora um gi-

## Os Miséraveis verdadeiros

Romance original

DE

*Manoel Antonio Major*

PARTE PRIMEIRA

III

A physionomia também engana.

(Continuação do numero antecedente)

— Quem está com a Duqueza?

Um silencio seguiu essas palavras, e eu proseguí:

— Na carteira tens duzentos mil rublos se fallares a verdade; do contrario morres!

Ouvindo o meu tom, o porteiro dispôz-se a fallar a verdade, contou-me que desde o momenro do meu casamento eu tivera um rival, e que esse rival frequentava minha habitação durante a continua ausencia minha, que minha infame esposa tivera dous filhos, que morrerão, que enfim era o Czar esse temivel rival.

Sabi do quarto doudo, corri ao aposento de minha esposa, encontrei-a

lendo, e sem mais preambulos matei-a do mesmo modo, que ella matara-me á honra, fui e fui como um endemoninhado, fui ao palacio imperial e em um accesso de furia insultei o Czar, fui preso e ia ser fusilado para ser o ludibrio d'essa nobreza, que ria-se de minha honra e d'esse povo bruto como um asno; porém pude fugir, metti-me entre os soldados e sahi d'esse exercito para ter com Vossa Magestade; porque desejo vingar-me o desejo morrer, e quiçá que os cicatizes ganhas nas fileiras de Vossa Magestade lavem a macula hedionda, que um imperador lançou em meus brasões.

E assim fallando o russo tornou-se pallido e livido; o imperador escutára-o com attenção, e estudando a physionomia que Lavater apresenta como forma exterior da alma, e que Rousseau demonstra comb infallivel em pesquisar o interno, foi enganado: porque o general que frustrara os planos estupendos, o imperador victorioso e o Napoleão, que como geometra calcula, como genio preve e medita, não poderá descobrir o que aliás a franqueza da linguagem encobia.

Assim é tudo: ás vezes a astuta andorinha foge em hypocritos adejos ao aço intrepido, e o insecto occulto-se nas entranas da terra; mas esse russo não era andorinha, porém o prototylo escandaloso do vicio. Nascido em Namur de paes honrados e burguezes, foi enviado á Paris onde estudou sciencias e vicios, latrocínios e theorias, a ponto de fugir como moedeiro falso, vagabundou, como um Judeu Errante, tirando o direito

gante principiou a soffrer dos alicerces — o gigante vacillou, não pôde supportar o peso das armaduras, sentou-se em tombada pedra e como uma luz que crepita, afrouxa, bruxuleia e morre, chegou-lhe tambem a idade de velhice — eil-o prostrado — seus gemidos perdem-se: são como os rugidos do velho leão da phabula; comtudo se as espadas dos vencedores de Ormuz, Malacca, Goa e Cambaya enferrujarão-sc, se seus brios e heroicos feitos passão talvez como phabulas ou contos, que nos narrão para acalentar no berço — ainda entre tantos tropheos subsistem heroicos e sublimados louros que não murchão; não fallaremos dos membros do Parnazo, nem em Camões que dormita em ignoto sepulchro, ignoto sepulchro não diremos; porque quando perguntar-se aonde reposam os ossos do CANTOR DOS LUSIADAS responder-sc-ha que em o solo lusitano, iremos fallar de Garrett.

Garção, Quita e Diniz brilhão na primeira *Arcadia*, na segunda: Bocage e José Agostinho de Macedo — ahí a *escola archaica* encontrou um chefe em FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO (*Philinto Elysio*) e a *franceza* à Bocage (*Elmano*) por isso *philintistas* e *elmanistas* forão como clangores de marcial clarim incutindo valor nos corações, e quem abrirão as portas do Pindo — onde o caixearo da casa dos Laflites, com as vestes patriarchaes e tendo nos pés as capatas lucentes de sua dignidade devia celebrar nas aras do templo magestoso a suprema inauguração da *escola romantica portugueza*, deixar nas arcas, onde dormitão as producções dos cantores do Tejo, do Lima e Mondego — UM POEMA, e escrever, no kaleidoscopo, o seguinte nome: JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT; n'esta epocha em que a oriflamma hastava-se altaneira nas mãos de Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Manzoni, Foscolo, Schiller, Gœthe, Byron e Martinez de la Rosa viu litteratura mais um filho, cujo talento é na terra qual dourada nuvem em asulado céo, qual brilhante Diana reflectindo-se nas aguas mansas e crystallinas d'esse Tejo de crystal, cujos cantores são numerosos como ledos bandos de rolas esvoaçando nos campanarios — Admirador de Philinto Elysio em *D. Branca*, sonoro bardo na *Adosinda*,

de um trabuco ou punhal, ou enganando com maviosos trinados aos incautos, e, na vespera da acção de Smolensks, acabava de cumprir uma sentença e depois de achar-se assaz carregado de despojos, retirou-se para uma velha taverna, onde lia-se em inglez a epigrapha seguinte: — *Tall an inn* — fez um signal obliquo á uma especie de homem envolto em trajes immundos e subiu os torturosos degráos de uma trapeira e achando-se em um espaço, que o mesmo quadrupede recusaria para morada, acendeu uma vela e despejou no chão sebento o resultado de sua rapina, examinando os relóios, anneis, luizes, soldos, carteiras e papeis, e quando acabou disse:

— Agora leamos esses.

O que elle designava erão dous pergaminhos encontrados na farda do cadaver, com que tropeçára na fuga, abriu o primeiro e leu o seguinte:

« Minha Lucia

« Nas vesperas de uma batalha sob os muros de Smolensk, eu temo  
« morrer e por consequencia pego na pena para quem sabe mesmo es-  
« crever em ultimas linhas á ti, aquem amo e a quem amarei, apezar da  
« morte e talvez da eternidade; porém é impellido por uma d'essas in-  
« fluencias omnipotentes que vos declaro um segredo sepultado em meu  
« coração o que só deves saber pela minha morte. Sim, minha cara Lu-  
« cia, esse menino, que tu cuidas teu filho, não o é, não havia em casa  
« alguém tambem gravida?

com o *Auto de Gil Vicente* quebra os ferrolhos que trancavão as portas do theatro luso, com a *Merope* da-lhe força, e, com o *Frei Luiz de Souza, gloria*; Rebello da Silva denomina Garrett: *uma litteratura, Lopes de Mendonça: uma nacionalidade*, e nós: *o brado energico de um povo sacudindo o pesado jugo do gongorismo e quebrando os grilhões com que nos manie- tava a escola classica*,

Garrett, divagando pelas fulvas praias das regiões do meio dia vestidas de verdes salgueiraes, traz-nos a mente essas vozes occultas, magneticas, melodiosas e puras, cadentes e sublimes que nos exasiando parece envolver-nos em os véos do idealismo; e se a zagala e as garrules hyrêres espanejando e mirando-se nas caudalosas agoas do Amazonas servem de assumpto para os canticos de nossos poetas, se os indigenas e suas crenças formão os versos de nossos bardos; as fieções do christianismo, as usanças patrias, costumes e brios proprios de remotas epochas são outros tantos motivos para a lyra de Garret dedilhar-se altaneira e sublime, e vejamos quando elle em *D. Branca* rompe hostilidades com o paganismo e como exprime-se altivo e harmonioso:

« Gentil religião, teu culto abjurou  
« Tuas aras profanas renuncio;  
« Professei outra fé, sigo outro rio  
« E para novo altar, meus hymnos canto;  
• . . . . .  
« Disse adeus ás fieções do paganismo.  
« E christão vate christãos versos faco. »

E até n'essas poucas palavras de Frei-Gil a D. Affonso o Bolonhez conhece-se o poderio e a influencia do clero d'então.

• . . . . Que sois vós outros,  
Reis da terra, que fôra o vosso throno.  
Sem, o amparo, do altar! Vai perguntal-o  
A' campa de Toledo e aos deshonrados  
Ossos de teu irmão. . . . .

Em *Camões* o critico divisa o estylo puro, a imagem simples e propria e o verso harmonioso, e, como *poema lyrico*, diz Rebello da Silva, *poucos haverá que o egualem*; em *D. Branca* o poeta canta o amor que floresce, os brios e heroicos feitos da cavallaria, patentêa a vida com as suas crenças mais

« — Havia: e esse alguém era Margarida tua criada?

« Duas horas antes de teres o bom successo, Margarida deu a luz o me-  
« nino, e eu acabrunhado, não sei porque idéa de ferro: de continuar a  
« minha raça e lustre nas armas, imaginando que se desses á luz a uma  
« menina, não ficarias satisfeita; tatei com Margarida e o doutor para  
« que, se tal caso dêsse-se, a troca fosse effectuada, e como sabes, o caso  
« deu-se o troca effectuou-se; de maneira que o filho de Margarida é hoje  
« reconhecido nosso filho perante a sociedade e tu o has coberto de ca-  
« rinhos e eu de gloria e renome; enquanto a verdadeira filha acha-se  
« quem sabe, na miseria e opprobrio? Só tu podes remediar o desvario  
« de uma idéa, fiz isto para poupar a dor e as lagrimas de uma es-  
« posa, derramei ás de uma filha, perdoai-me.

« Vosso servo e esposo  
« O marechal  
« Duque de Niemen »,

O abutre; que esvoaçára sobre os cadaveres estendidos no campo, pareceu reflectir, seus olhos scintilláro com novo fulgor, e seus labios estremecêro, elle antevia em novos horizontes tres vezes mais bellos despojos em despojos tão apreciaveis, sorriu-se como Caronte repellindo as almas na margem do Stix.

*Continua.*

ou menos supersticiosas, mais ou menos proprias e convenientes a tales éras; suas *phabulas* revelão-nos um amante de Juvenal tendo nos labios o sorriso de Horacio — é um imitador ou antes um rival de Tolentino e Gregorio de Maltos, nos *contos* um Deccameron popular e nos *sonetos* um desafio ás poesias piegas de insulsos poetas que vagabundão pelos desertos e praças de Portugal e Brazil, um desafio formal á estonteado plagiadores que na Lyzia e no Brazil divagam censurando e criticando — coitados — do que não entendem e mesmo do que não veem.

Garrett, se não fosse um poeta, seria um SEMI-DEUS.

Feliz patria de Camões eu te saudo, ese o salve surdo do filho das brasileiras plagas escoando-se por entre as regiões do espaço, desferindo-se pelos cyclos da distancia chegar á teus ouvidos — recebe-o porquo symbolisa senão um brado ou grito de geração nova, que despindo-se das trevozas vestes do estacionalismo corre apressada ás armas e procura ávida as almenaras do progresso, symbolisa porém a voz fraca d'um conviva dos festins da intelligencia — que com o auxilio do luminoso pharol de GARRETT e de seu imitador e discípulo A. Herculano vae transitando pelas arcarias de espinhosos antros em procura do preterito, atravessando os vallados e saltando negros e escuros abyssmos em busca do futuro ; recebei, ó manes inclytos, as expressões de gratidão d'aquelle que encontra o passado dormitando á sombra das gloriosas ruinas de seus capiteis formosos e de suas quebradas ogivas de architecturas remotas e o futuro embalando-se por entre os anademas de langues sensitivas eternamente viçosas, de luzes proficuamente irradiantes e de gosos superabundantemente infinitos, onde entre a harmonia dos alaúdes divinos e dos sanctos meneis e psalterios endeosa-se GARRETT como um d'esses homens, cuja missão a philosophia sanctifica e a religião escreve em as laudas de seus calendarios.

Major.

## Parte Recreativa

Temos sob os olhos o nº 11 da *Revista Mensal* da sociedade Ensaios Litterarios e depois de lermos os artigos n'ella contidos, não podemos esquivar-nos de dizer alguma couza : Ha bellos escriptos e poesias ao lado de alguns outros bem insulsos ; porém o que na verdade está maravilhosa pela multidão de palavras sem nexo, heresias, vocabulos perdidos e pensamentos infimos é a *Chronica*, apezar do Sr. chronista pavonear-se do grandioso encargo de que se acha revestido, signal evidente de sua apoucada mestria e no entanto quer zurzir na pobre humanidade, que atura tales gralhas.

Principia vociferando contra as procissões e conclue sua ladinha com o estolido argumento, que bem nos convence que S. S. desconhece as regras da logica, « As festas da igreja celebrem-se na igreja » além d'isto S. S. bastante ignorante em matérias concernentes ao dogma e disciplina do Christianismo, não pôde atingir aquillo que está mui acima de sua orbita, e para S. S. uma procissão é singularidade, é luxo ; um estylo ou programma é hyperbole e mythologia (cousas ignotas para

o chronista), e para ostentar-se manda ao auctor da *Ninhada de meu Sogro* e *Oh!* estudar, quando o Sr. Dr. Augusto de Castro podia dar lições a S. S. de muita cousa que ainda ignora ; e finalmente quando S. S. dando noticias e arvorando-se em critico (miserabile visu !) tropeça, escorrega e balbucia ouvindo-se sons inarticulados como gemidos do celebre *Mons parturiens*, é até atrazado em suas notícias fallando sobre afamados partidos que, (para bem da verdade diga-se tudo) á excepção de um só, não existem, visto terem-se retirado d'essa arena, de que S. S. é amantetico.

Consta-nos que sahe hoje o primeiro numero de um jornal litterario, a quem desejamos prospera viagem, enviamos-lhe nossas felicitações afim de que suspire as dificuldades e possa um dia galhardo patentear-se sobranceiro ás inconstâncias do seculo.

Dr. Sagittario.

## Parte Poética

### A aldeã.

#### No album do Sr. Antonio José de Souza.

Sou feliz e ditosa, n'aldêa  
Sou chamada — formosa aldeã,  
As visinhas, matronas e moças  
Todas ellas me chamão de irmã,  
Passo vida folgada e contente

— *É mui bom ser a gente aldeã*

Quando a aurora raiando á vem  
No horizonte de cõr de romã,  
Me levanto do leito, e acoberto  
Meu corpinho co'a saia de lá,  
E p'ra os campos eu corro dizendo :

— *É mui bom ser a gente aldeã*

E sentada no cimo dos montes  
Vejo alegre a aurora nascer,  
Vejo a entrada soberba e risonha  
Do ardente e dourado Titan ;  
Fico alegre inda mais, e murmuro :

— *É mui bom ser a gente aldeã*

Depois levo meu gado a pastar  
Nos meus campos que grandes que são,  
E sentada no outeiro visinho  
Eu converso com o meu coração,  
Perguntando : — que é feito do meu  
Muito amado Joaquim aldeão ?

Chega a noite. Na choça visinha  
Eu escuto um fadinho soar,  
Bato á porta, lá vem a matrona  
Mui risonha me diz : — « Póde entrar »  
E cantigas d'aldêa — bonitas  
A' porfia eu ahí vou cantar

Quando todos cançados já'stão  
De cantar, e a noite se avança,  
Faz-se rodas de quatro e de seis,  
E quem chega por fim, rompe a dança ;  
Finda ella, as mocinhas conversão,  
E os moços encher vão a pança.

Quando chega o domingo que bello !  
Que ventura p'ra meu coração !  
Ponho lenço engommado ao pescoço  
Vou co'as outras á missa e oração  
Não ha vida melhor que d'aldêa,  
E quem ha que dizer possa — não ?  
Não invejo as senhoras da corte,  
Nem invejo da corte o prazer,  
No meu collo de pobre aldeã,  
Eu não quero brilhantes trazer ;  
Quero andar pobramente vestida,  
Quero apenas n'aldêa viver.

Gualberto Peçanha.

### Desalento.

Eu deixo a vida como deixo o tédio  
Do deserto, o poento caminheiro ;  
Como as horas de um longo pesadelo  
Que se desfaz aos doires de um sineiro.

A. DE AZEVEDO.

#### I.

Como o pobre ancião enfastiado  
De vêr do mundo as miseraveis tramas,  
Eu, mancebo de poucas primaveras,  
Me despeço da vida e dos seus dramas.  
  
Abandono, cantando, este theatro  
Em que o minimo fui d'entre os actores...  
Não me pesa o deixar tão cedo a vida,  
Como viver cercado de amargores.  
  
Não deixo um só affecto ; à minha campa  
Ninguem virá verter amigo pranto ;  
Talvez que nem a lua venha á noite  
Em meu leito estender seu níveo manto.

#### II.

Talvez que a mão fatal da desventura  
Inda mesmo cadaver me persiga,  
Talvez que o fado máo que me tortura  
Penetrar no meu tumulo consiga...  
  
Deste mundo fallaz e libertino  
Eu me vou sem deixar uma saudade !  
Que assim deve seguir o peregrino  
Que do deserto passa á eternidade !...  
  
Adeus, sonhos de amor... Da juventude  
Adeus, floridos sonhos de bonança !...  
Adeus, pallida filha da virtude,  
Que de amor me negaste a esperança !

#### III.

Eu morro sob o céo da minha patria  
Como o pobre proscripto em sólo estranho,

Como a ovelha que em árida campina  
Expira desviada do rebanho ;  
Ou como em noite de horrida tormenta  
A ponta de um charuto em erma estrada,  
Que pelo taciturno caminheiro  
Em mortuarias horas é pisada.

Anjo do céo que tanto amei na terra,  
Que se me desses amor inda eu vivêra,  
Adeus ! — inda te digo, embora saiba  
*Que comigo não hasde gastar céra !*  
Como o pobre ancião farto de vida,  
Do mundo me despeço á flôr da idade ;  
Que assim déve merrer o peregrino  
Que se desinha ás trevas d'orphanidade.

Dr. F. N.

### Escuta

A \*\*\*

Na hora em que Phebo, no vasto horizonte  
S'esconde, brincando, no espaço a rolar,  
A virgem da noite de pallida fronte  
Se espelha faceira nas agoas do mar.  
  
E a onda gemendo, na aréa de prata,  
Deslisa-se mansa, recua medrosa  
Voltando de novo comsigo arrebata  
As lindas conchinhas de côr tão formosa.  
  
Saiamos da praia ; busquemos perfumes,  
Das rosas, dos cravos, dos alvos jasmins,  
Das flôres ó virgem não tenhas ciumes,  
Tu és o meu anjo « são meus cherubins. »  
  
E a brisa que passa, brincando co' as flores,  
Nos traz odorantes perfumes do céo ;  
E junto contigo deliro de amores,  
Verdade sublime que nunca traz véo.  
  
Gentil violeta que occultas nas folhas,  
Modesta belleza, perfume odorante,  
Se á sombra vicejas não quero que colhas  
Das pompas do mundo valor degradante.  
  
O' lyrio tão alvo ! não manches brincando,  
Ao sopro da brisa, a côr da pureza ;  
Não busques as salas ; que o prato adornando  
Viçoso tu vives, não tens impureza.  
  
E tu borboleta, que adejas brincando  
Evita o menino que busca-te achar ;  
Tranquilla nos prados, as flores sugando  
Não crestes as asas, não soffres pesar.  
  
O lyrio, a violeta és tu minha amante,  
E segue os conselhos que o Vate te dá ;  
São phrases que um dia soltou delirante...  
Verdade mais pura de certo não há.

Alvarenga Netto.